

discurso saudação APROBATTO (15.08.01)

Senhoras, Senhores:

Mais uma vez me dirijo a vós, desta tribuna, o peito pleno de orgulho e satisfação.

Nesta ocasião, ao cumprir o ofício que me incumbe como orador do IAB, o orgulho decorre da circunstância de à minha voz se sobreponem as vozes, todas as vozes, dos autênticos advogados brasileiros --- não apenas dos membros deste sodalício. Satisfação porque o encontro desta noite me permite dizer, como advogado, o que pensamos sobre o quanto disse o Presidente da OAB na solenidade de posse do Presidente e do Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal.

Aprobatto: porque somos advogados dignos e essa característica nos torna iguais, é assim que me dirijo a Você. Dispenso, neste momento, a retórica sofisticada --- para não dizer esnobe --- urdida em erudição colhida a dedo para impressionar freqüentadores de tertúlias em salões do Século XIX.

Rogo aos presentes que me autorizem a mencionar episódio marcante em minha vida.

Quando da privatização da Companhia Vale do Rio Doce, CELSO ANTONIO, GOFFREDO, FÁBIO COMPARATO, DALMO DALLARI, WEIDA ZANCANER, SÉRGIO SÉRVULO DA CUNHA, AMÉRICO LACOMBE e eu propusemos, em abril de 1.997, ação judicial visando a impedi-la. O processo foi, literalmente, na primária acepção do termo, desaforado, hoje dormitando na Justiça Federal do Pará.

O processo foi desaforado e contra nós foram despejadas ofensas e desaforos. Um jornalista de triste passado como cineasta de erotismo vulgar nos chamou de “canalhas”; um advogado insensato referiu-se a nós como “chicaneiros”; o Presidente da República, pela via do ventriculismo, chamou-nos de “jurássicos” e outros nomes.

Pouquíssimos amigos nos procuraram. Muitos debandaram.

Aprobatto então, generosamente, como Presidente da Seção de São Paulo da OAB, promoveu o nosso desagravo, em solenidade para nós inesquecível. Um gesto largo de dignidade, e por certo corajoso,

mesmo porque as vísceras do governo ainda não estavam expostas. Um gesto de efetiva prudência.

Poderia recorrer a Aristóteles, para lembrar que *a prudência é uma disposição, acompanhada de razão, capaz de agir na esfera do que é bom ou mau para um ser humano*; ou, dizendo-o de outro modo, *capaz de agir na esfera dos bens humanos*, razão pela qual deve ser repudiado qualquer ensaio de confusão entre prudência e covardia diante dos poderosos.

Não, senhores, não é requisito dos homens prudentes a curvatura de espinha. Muito pelo contrário. Os lacaios dos poderosos é que a mantêm por vocação irresistível.

Prudência e bom senso, além de muita sabedoria em olhar o futuro, essas notas marcaram o quanto disse o Aprobato na solenidade de posse do Presidente e do Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal.

E facciosismo, sim.

Porque ele, como nós, está alinhado na facção dos que defendem a Constituição e não apenas desejam, mas exigem que ela seja cumprida.

Somos facciosos porque integramos a facção dos que se escandalizam com a apropriação privada da *respublica*, da qual dá conta a mídia e se comenta nas ruas e nas praças. Não fosse tão velhaca a rapinagem, por certo uns e outros se dariam o respeito de não impedir, a qualquer custo, a instalação de uma CPI cujos resultados podem facilmente ser antevistos, em especial se voltarmos os olhos para a América Latina --- um deles fugido no Japão, outro em prisão domiciliar...

Exatamente em defesa do processo democrático e do Estado-de-direito, em face das difíceis condições da vida jurídica em nosso País, devastado institucionalmente pelo mau uso das medidas provisórias, é que o discurso de Aprobatio foi pronunciado. Somos, como ele e com ele, oportunistas da Constituição, até porque apenas e somente a partir dela se realiza a eunomia (as boas leis) --- as medidas

provisórias, elas sim, tal como expelidas pelo Executivo, consubstanciam a síntese escarrada da disnomia (as más leis)...

Aprobatto foi indevidamente acusado de, no seu discurso, faltar com a civilidade própria a uma civitas democrática. Mas esta privilegia a liberdade de pensamento, que nenhuma intolerância, mesmo travestida de acusação de falta de etiqueta, pode coartar. E tanto a privilegia que o Presidente da OAB haveria de ser certamente criticado se a sua manifestação, na ocasião da posse do Presidente e do Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal, fosse anódina. Assim tivesse sido ela e Aprobatto teria sido omissos, em função dessa omissão tornando-se cúmplice do assalto à Constituição.

Quem tem feito massa dos que defendem a Constituição, chamando-os de “neo-bobos”, por exemplo --- e com isso deixando de respeitar-se a si próprio --- é o Presidente da República. E bem sabemos que quem diz o que não deve ouve o que não quer...

Não, senhores, as regras de etiqueta que vinculam o Presidente da OAB não são as adotadas nos chás de fim de tarde,

praticados nas mansões dos poderosos, mas sim as que a ele impõe o ofício de defesa da cidadania e a educação cívica.

Por isso, talvez de maneira surpreendente, encerro estas breves palavras dizendo ao Aprobato, como convém à dignidade, que a ele não devemos qualquer agradecimento --- apenas respeito --- visto que nada mais fez senão cumprir o seu dever.